



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

PRÁTICAS LEITORAS NA INFÂNCIA E JUVENTUDE: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA NO CENTRO DE ESTUDOS DA LEITURA (CEL/UESB)

Jeanne Cristina Barbosa Paganucci⁶
(UESC)

Maria Afonsina Ferreira Matos⁷
(UESB)

RESUMO

O trabalho reflete, em síntese, um percurso das práticas leitoras a partir das experiências/vivências dos leitores, contadores de histórias, professores (as) e participantes do Centro de Estudos da Leitura, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Jequié. Compreendendo as práticas da leitura e escrita como processos rumo ao autoconhecimento e à formação do ser integral, o Centro de Estudos da Leitura – CEL/UESB, dentro do Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão Estação da Leitura – ESTALE – atua desde 2005. O Estação da Leitura, inicialmente um projeto de pesquisa e extensão do Laboratório e Memória - DCHL/UESB (1991), lançou as sementes de um desejo em diferentes terrenos. O primeiro desafio era: pôr em prática as teorias sobre leitura fundadas na ludicidade, mas, além disso, investigar a recepção de textos literários a partir dos critérios de identificação e estranhamento. O espaço escolar do ensino fundamental e médio, no decorrer de vinte e quatro anos de promoção da leitura e sua investigação, favoreceu a pesquisa e intervenção em âmbito pedagógico e multidisciplinar. Para esse trabalho, utiliza-se o arcabouço teórico de alguns autores: Antônio Cândido, Hans Jauss, Marisa Lajolo, Roland Barthes, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura; Práticas leitoras.

⁶ *Discente do Programa de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professora de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas; atualmente vinculada ao Centro de Estudos da Leitura (CEL). E-mail: jeannepaganucci@gmail.com.

⁷ **Pesquisadora, Professora Pleno do Departamento de Ciências Humanas e Letras – DCHL – da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenadora Acadêmica do Centro de Estudos da Leitura – CEL/UESB.



INTRODUÇÃO

“Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar”.

Monteiro Lobato

O trabalho constante com a Literatura, compreendendo prosa/verso infantil e obras adultas, abarcam um pouco do que é realizado em prol da leitura/escrita nos projetos do Centro de Estudos da Leitura (CEL), em que incansavelmente a magia do mundo das letras continua a influenciar aqueles que de algum modo se envolve com as atividades dos projetos. A infância, nesse contexto, compreende um mundo mágico, onde as possibilidades vão além dos livros, perpassando por complexas problemáticas socioculturais e psicológicas.

O espaço escolar do ensino fundamental e médio, no decorrer de vinte e quatro anos de promoção da leitura e sua investigação, favoreceu a pesquisa e intervenção em âmbito pedagógico e multidisciplinar. Em forma de oficinas, palestras, participação em congressos, workshops, publicações, monografias, vídeos e diversas outras atividades, o Projeto ganhou vida e consolidou-se nos domínios do autoconhecimento, quando buscou entender situações de filiação e emancipação em leitura por meio de práticas leitoras que favorecem o conhecimento de si, da natureza e do universo.

Uma imensa estufa de ideias e sentimentos se configurou, no decorrer desse trabalho, evidenciando a busca incessante pelo (re) descobrimento de si nos domínios das letras/textos e, por conseguinte compreendendo a extensão da magia do ato de ler ao interior do Eu, do self. Desse modo, as escolhas/seleções de livros/narrativas/poesias e autores (as) para compor os trabalhos de pesquisa e extensão em leitura perpassam pela ótica do planejamento e temáticas que permitam o acesso aos livros, à biblioteca e incentivo direto ao prazer de ler, envolvendo situações do autoconhecimento e descoberta do prazer da leitura. Nesse ínterim, vale destacar alguns nomes que compõem e já fizeram parte das nossas atividades/experiências: Ana Maria Machado; Carlos Drummond de Andrade; José Bento Monteiro Lobato; Machado de Assis; José de



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Alencar; Marina Colasanti; Rachel de Queiróz; Irmãos Grimm; entre outros. Os resultados obtidos até o momento são reveladores de que toda a prática leitora revela potencialmente a importância da leitura na construção da sociedade – agente nuclear a partir dos olhos de quem lê.

O trabalho apresentará a descrição das ações desenvolvidas: a) no *Projeto Emília vai à Escola: um estudo sobre as condições e práticas de leitura da obra adulta lobateana no Ensino Médio*, cujas ações desenvolveram-se no Colégio Polivalente Edivaldo Boaventura, com a turma do 3º ano do Ensino Médio; b) no *Projeto No Reino da Imaginação: experimentos com Literaturas Infantil e Juvenil* com ações intervencionistas na Escola Municipal Maria Biondi, com turmas do fundamental I. Ambos os projetos desenvolvidos por intermédio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié, sob a orientação da Professora Dr.^a Maria Afonsina Ferreira Matos. O artigo expõe os resultados do período de observação, entrevista e desenvolvimento das atividades referentes aos projetos supracitados.

REPENSANDO MONTEIRO LOBATO

Para trabalhar a obra lobateana no Ensino Médio, as ações foram planejadas a partir das imagens de Monteiro Lobato no cenário brasileiro. Com isso, a imagem do *Jeca Tatu*, o conto *Negrinha*, a utilização do texto de Lobato e filmes⁸ relacionados e músicas nacionais⁹, serviram como suporte para as diversas (re) leituras que tem sido crucial para a propagação da obra do autor. Em contrapartida, descreve-se a oficina “O fim da Guerra; A chave do Tamanho” realizada como atividade do Projeto V EMOL- *V Encontro sobre Monteiro Lobato*, evento com enfoque na literatura infantil e juvenil de Monteiro Lobato, que integra a pesquisa e a extensão ao ensino na Disciplina Literatura Brasileira VI, ministrada pela Professora Dr.^a Maria Afonsina Ferreira Matos do Curso de Letras da UESB.

⁸Disponível em: <http://www.museumazzaropi.org.br/filmes/tristeza-do-jeca/> Acessado em: 03/03/2015.

⁹Disponível em: <http://letras.mus.br/tonico-e-tinoco/311505/> Acessado em: 03/03/2015.



1.1 – Racismo?

Ele era racista? Antes que as perguntas fiquem embaraçosas, é bom lembrar que uma das prerrogativas do encanto é que ele não dá ouvidos a métodos e muito menos se compromete com detalhes e minúcias. [...] Importa mais o vento que canta nas árvores do que o gráfico minucioso das condições atmosféricas (LAJOLO, 2000, p. 11).

A respeito da Literatura, muito se tem pesquisado. No entanto, quando a pesquisa é referente a José Bento Renato Monteiro Lobato, geralmente as pessoas surpreendem-se ou mesmo discordam da pesquisa em relação as suas obras. Neste aspecto, as obras, o autor e o contexto sociopolítico e cultural se misturaram, e o espaço da pesquisa tornou-se algo desvalorizado, muitas vezes abandonado. Monteiro Lobato tornou-se para alguns estudiosos, assunto proibido, isso se explica quando se pensa que aquilo de que não faz parte dos interesses passa a ser tratado com descaso e relegado ao esquecimento. O trecho acima, extraído do livro *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, de Marisa Lajolo, aponta o questionamento acerca de Lobato que tem sido nas últimas décadas um questionamento constante. Então, Monteiro Lobato era racista?



O questionamento acerca de Monteiro Lobato ser ou não racista é algo que pode ser tratado, mesmo que, como afirma Lajolo, as perguntas fiquem embaraçosas. No entanto, a partir desse questionamento, surge outra questão: a respeito de suas obras e também de sua vida, há nisso menor importância? Com isso pretende-se adentrar em outra questão que é a relevância de suas obras e o porquê de proibi-las. A revista *Veja*, datada de 26/09/2012 publica *MEC rejeita tentativa de "censura" a Monteiro Lobato*, visto que entende que deve existir a plena liberdade de ideias, principalmente no que tange à literatura, mas com a mediação de um professor.

Em se tratando da obra *Negrinha* de Lobato, que é uma reunião de contos, cujo conto *Negrinha* faz parte da obra, é importante compará-lo com o conto *O caso da vara* de Machado de Assis, os quais seguem a mesma problemática no que diz respeito ao racismo. Contudo, ninguém procura proibir a leitura desse conto, ao contrário, serve como exemplo. Neste aspecto, convém tratar das obras e dos autores com a responsabilidade de esclarecer o que pode ser interpretado de forma errônea, o que deve ser discutido e não isolado, pois se deve lembrar que muitas obras de inúmeros autores já foram queimadas, proibidas em outros tempos, com o intuito moralizante ou proibitivo, por questões de ordem política, religiosa e de outra natureza. Vale lembrar que as obras de Jorge Amado já foram queimadas em praça pública por conta do governo ditatorial da época, mas não deixou de ser relevante por conta dessa caça pública.

Em *Obrasileiro lê ainda menos do que se pensava. E algumas curiosidades...* por Raquel Cozer, 28/03/2012, jornalista de *A Folha de S. Paulo*, Monteiro Lobato aparece na pesquisa como o brasileiro mais admirado, e, em seguida, Machado de Assis, ambos escritores tomaram o lugar de Paulo Coelho e Jorge Amado nessa pesquisa. A respeito do livro mais lido, o quarto colocado foi *O sítio do Picapau Amarelo*, que não se trata de um livro, mas, conforme a jornalista "dá para entender o conceito". Ser admirado e lido ao que parece é algo que Monteiro Lobato consegue sem muito esforço, mas com certeza por conta da sua literatura, seu estilo, suas histórias. Neste aspecto, a respeito das notas de rodapé as quais se luta na justiça para esclarecer nas obras de Lobato sua condição de



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

racista, importa estudar suas obras por sua importância histórica e difusão da leitura na vida das crianças, dos adultos, compreendendo, não somente o autor e julgando sua escrita, mas alçando olhar acerca das narrativas em torno da infância, dos exemplos e da mitologia cuja essência encontra-se em sua escritura. No que tange ao racismo, importa acompanhar, esclarecer e, sobretudo, colocar em diálogo/confronto passagens de diferentes livros para não cair em procedimentos sinedóquicos de interpretação. É importante, nesse sentido, a atenção à ironia tônica do autor e ao discurso socrático presente em sua obra. Só assim a leitura menos superficial e mais percuciente dessa obra é possível, especialmente no que diz respeito a esse e outros pontos polêmicos levantados em sua obra.

NA DIFUSÃO DO LIVRO E DA LEITURA

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada 'livro'? Vossa Senhoria não precisa inteirar-se de que coisa é. "Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro: batata, querosene ou bacalhau." O trecho citado foi extraído de uma carta escrita por Monteiro Lobato a comerciantes brasileiros em 1918. Naquela época, havia no país aproximadamente 30 livrarias, a maioria delas concentrada no eixo Rio-São Paulo. (SOUSA: 2010) ¹⁰.

Nesta reportagem de Wilker Sousa para a revista *Cult*, o assunto é o acesso ao livro e os pontos alternativos de venda, que, na época de Lobato, não era fácil adquirir um exemplar seja de que literatura fosse, além disso, o brasileiro de modo geral não praticava o hábito da leitura. Em relação a isso, Lobato foi um estrategista e conseguiu propagar não só a leitura, mas modificar a maneira de como vender livros e distribuí-los.

Conforme a leitura realizada acerca do Monteiro Lobato racista ou não racista, indiscutivelmente, considera-se que todas as suas obras são importantes para o contexto da literatura brasileira, bem como fortaleceu a prática da leitura no Brasil. A partir de

¹⁰ Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/quer-vender-tambem-uma-coisa-chamada-livro/>
Acessado em: 02/03/2015.



Lobato, a leitura nas escolas tornou-se mais prazerosa, a busca pelas obras contribuiu para que o aumento do número de leitores no país se tornasse uma realidade. Realizando uma conexão com o desenvolvimento das atividades no Colégio Polivalente Edivaldo Boaventura, na cidade de Jequié, observa-se que a Biblioteca da instituição conta com o acervo das obras de Lobato, bem como a procura constante por seus textos, recomendados por professores de Língua Portuguesa. No *Estação da Leitura*, temos um acervo das obras de Monteiro Lobato que servem de referência para pesquisas e estudos acerca do autor e das obras, além da Biblioteca Jorge Amado, da UESB, que também contempla algumas obras. Com isso, é possível desenvolver um trabalho consistente no sentido de transitar pelas narrativas e envolver de maneira lúdica e receptiva a lecto-escrita. No que diz respeito aos livros, Lobato era um sonhador:

Eu já disse não sei onde, que temos de ser ímãs, e passar de galopada pelos livros, com cascos de ferro imantado, para irmos atraindo o que nas leituras nos aproveite, por força de misteriosa afinidade com o mistério interior que somos. Ler não para amontoar coisas, mas para atrair coisas afins, que nos aumentem sem o percebermos (LOBATO, em: *Carta a Hernani Ferreira*, 07-04-1946).

A literatura literária para Monteiro Lobato era um dos assuntos mais importantes, em destaque a importância da leitura na vida e discurso do autor. Por outro lado, pensando a respeito da obra adulta lobateana, deve-se considerar a relevância com a qual Lobato, no que tange à literatura infantil produzida no Brasil, rompeu com uma tradição europeia que liderava no século XIX, possibilitando, no século XX, um novo rumo para a leitura infantil e juvenil brasileira (LAJOLO, 2000). Lobato descreveu cenários inimagináveis antes, como em uma expedição no mundo das Letras, trouxe a possibilidade das aventuras em cenários e personagens de um Brasil do campo (rural) praticamente extinto, envolvendo, nos aspectos linguísticos, a oralidade do povo brasileiro. A ironia e metalinguagem fazem parte do texto de Lobato, apontando para os falares, os preconceitos linguísticos (ainda não tratados naquela época), revelando a



tradição escrita, letrada e literalizante e de outro, a oralidade viva e móvel do contexto rural (LAJOLO, 2000), onde as histórias brotam, em forma de livros, numa magia indescritível.

A LEITURA COMO CONSTRUÇÃO

A leitura tem papel transformador na vida humana. No sentido de criação artística, três características do sentido literário destacam-se segundo Vincent Jouve (2012): *ele é diverso; ele não é inteiramente conceitualizado; ele ilumina dimensões do humano*. Nos experimentos realizados, ambas as experiências resultam em leitura saudável e perspectivas de transformação a partir da maneira como é conduzida na infância e juventude, observados por intermédio da Estética da Recepção.

Jouve (2012, p.91) percebe que “Entender uma obra de arte é, então, examinar as complexas relações entre o que é mostrado e o modo com que se o mostra” de modo a ampliar, no sentido das leituras na escola, complexas relações do texto, autor e obras diversas. Conhecer o público é importante ao realizar experimentos, porque propicia alcançar esse leitor/escritor que existe e precisa se reconhecer enquanto tal, desconstruindo ideias preconcebidas e problemáticas as quais perpassam ainda pelos discursos de alguns professores. De acordo Abramovich (1997, p.17),

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Os experimentos realizados em atividades de campo, outras vezes em práticas de minicursos, revelam a contação de história como técnica eficaz no que diz respeito á leitura e produção textual. Além de envolver as diversas áreas da Educação, de caráter multidisciplinar, engendram-se pela captação de novos leitores, novos escritores,



favorecendo o exercício de captação, sem perder de vista aqueles discentes que não podem, nem devem, ficar para trás nesse mundo mágico da leitura/escrita. Para Barthes (1988, p.51),

[...] a leitura é de direito infinita, tirando a trava do sentido, pondo a leitura em roda livre [...], o leitor é tomado por uma intervenção dialética: [...] ele sobrecodifica [...], produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia”.

Essa é a leitura de que a escola precisa oferecer aos discentes, sejam crianças ou jovens: infinita, livre, produtiva, mas, conduzida de maneira a oferecer a descoberta, o fascínio, o interesse por buscar cada vez mais. Atravessar o mundo da leitura é descobrir-se, exercitar o autoconhecimento. Larrosa (1991, p.20) entende que “pensar a leitura como formação seria intentar pensar essa misteriosa atividade que é a leitura como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos” e compreender, as múltiplas conexões que partem desse exercício, a leitura, propiciando potencializar e favorecer a aprendizagem e o conhecimento de si mesmo e do outro por intermédio da leitura. Jauss (1994, p.22) afirma que “a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor” e, deste, com o mundo, transferindo seus conhecimentos para a realidade em que dialoga, projetando-se em múltiplas direções, partindo de si mesmo para o mundo que o cerca e ampliando cada vez mais a cada leitura realizada. Para Lajolo (2000, p.60),

O surgimento de livros para crianças pressupõe uma organização social moderna, por onde circule uma imagem especial de infância: uma imagem da infância que veja nas crianças um público que, arregimentado pela escola, precisa ser iniciado em valores sociais e afetivos que a literatura torna sedutores. (2000 p.60).

Pensar os livros e a leitura na infância requer pensar em amplitude, visualizando o horizonte da língua-linguagem, percebendo aspectos sociopolíticos e culturais, tratando



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

de assuntos que geralmente são sérios e de cunho importante para as crianças e jovens, mas precisam de tratamento para circular. Organizar a leitura/escrita na infância e juventude pressupõe planejar ações e avaliar, antes de tudo, o contexto da escola e dos discentes com os quais realizará os trabalhos. Silva (2004, p.6) que afirma "(...) a boa leitura é aquela que, depois de terminada, gera conhecimentos, propõe atitudes e analisa valores, aguçando, adensando, refinando os modos de perceber e sentir a vida por parte do leitor". Nesse aspecto, os experimentos se afirmam como processos no ato de educar e possibilitar novos conhecimentos de leitura de mundo, compreendendo as práticas leitoras, envolvidas no processo ensino-aprendizagem, como algo fortalecedor do vínculo do leitor com o livro, ou seja, favorecendo a busca incessante e a curiosidade latente em cada um.

EXPERIMENTO NO ENSINO MÉDIO: O *JECA TATU* DE MONTEIRO LOBATO

Aos dez dias do mês de setembro do ano de 2013, no Colégio Polivalente Edivaldo Boaventura, localizado na Avenida Franz Gedeon, S/N, Bairro Jequezinho, no município de Jequié – Bahia reuniram-se estudantes do 3^a Ano do Ensino Médio, bolsista e colaboradores para a realização da oficina intitulada de *Imagens do Jeca*. A bolsista Jeanne Paganucci iniciou a oficina oferecendo as boas vindas aos alunos e apresentando os seus colaboradores: Lucas Rodrigues Almeida e Albino Roça da Silva Junior, além da Prof^a. Ms. Marivone Borges de Araújo Batista.

A bolsista explicou o objetivo da oficina que era desenvolver compreensão da leitura e trabalhar o contexto socio-histórico e cultural apresentado a partir da leitura de *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato, então, exibiu um trecho do filme *Jeca Tatu* de Mazzaropi. Nesse momento, os educandos prestaram atenção e em alguns momentos riam das cenas engraçadas do filme. Com a finalidade de apresentar o contexto de *Jeca Tatu* na memória e história brasileira, a bolsista apresentou imagens e texto em PowerPoint.

Posteriormente, foi solicitada pela bolsista que um (a) aluno (a) lesse o texto *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato e logo uma estudante se disponibilizou a realizar a leitura.



Assim, a cada momento que era solicitado a troca de educando para realização da leitura, os estudantes sempre estavam dispostos a ler o texto. No final da leitura, a pesquisadora explicou o contexto do texto e indagou a eles quais foram as características presentes no vídeo que estava no texto. Depois foi exibido o vídeo da música *A tristeza do Jeca* interpretado por Zezé de Camargo e Luciano e no momento da exibição do vídeo os alunos cantaram a canção.

A discussão em torno das imagens do Jeca Tatu foram relevantes no sentido de esclarecer as ideias de Lobato referente ao Jeca, bem como as questões políticas e culturais da época em que o autor escreveu seu texto. Os discentes destacaram o conhecimento das obras de Lobato por conta da indicação dos professores e colaboraram com a reflexão acerca da identidade do Jeca Tatu, do preconceito referente ao homem do interior, ao Jeca da roça, em oposição ao homem da cidade. A primeira ação desenvolvida apontou para a importância da discussão em torno das obras de Monteiro Lobato no Ensino Médio, salientando que as (re) leituras criam oportunidades de relacionar o que Lobato escreveu com a contemporaneidade e a arte em geral.

A segunda oficina intitulada *Violência, preconceito e liberdade: conto lobateano e machadiano* abriu espaço para trabalhar as questões raciais, o preconceito racial, a questão da escravização dos negros no Brasil, a comparação do texto de Lobato com o conto de Machado de Assis. A oportunidade do desenvolvimento da oficina contou com a mesma turma que compareceu na ação inicial, entre eles, os colaboradores do Subprojeto.

Com o entrosamento entre bolsista, colaboradores e turma do 3º ano do Ensino Médio, a leitura acerca dos contos gerou discussões em torno do preconceito racial, da cor da pele e da violência presente em ambos os contos dos autores supracitados. Nesse aspecto, observou-se que os contos dos autores realizam leituras acerca do preconceito com o qual se propagou no Brasil, mesmo após a abolição da escravatura.



RELATO DA OFICINA A CHAVE DO TAMANHO

A oficina foi desenvolvida com estudantes do ensino fundamental I, na *Escola Municipal Maria Biondi*, no dia 13 de novembro, 2013. A escolha da obra *A chave do tamanho* aconteceu baseada nas leituras a respeito das obras de Monteiro Lobato. No momento do planejamento da oficina escolheram-se dinâmicas para que o público pudesse interagir, pensando no lúdico. Para contar a história, optou-se por exibição de vídeo e uma breve leitura compartilhada, além da construção de painéis ao fim da oficina.

Após a leitura dos contos e discussão em torno das polêmicas questões raciais, da violência e do preconceito, a bolsista apresentou um panorama da vida de Monteiro Lobato, da importância da leitura e compreensão sobre seus textos. A oficina iniciou às 13hs e 20min, com a presença de vinte e quatro (24) alunos, a professora da turma Vanderlici dos Santos Carvalho, as observadoras Emili Braga e Fernanda Santos e nós os ministrantes, Claudiane Silva Piropo e Valdir Vieira Sena. Fizemos nossa apresentação e realizamos uma dinâmica para que os alunos se apresentassem: distribuimos papel ofício e sorteamos o nome dos alunos, tipo um amigo secreto, o aluno deveria desenhar o colega que ele tirou no sorteio, após 20 minutos começaram a apresentar os desenhos, foi muito bom, pois eles se divertiram e mostraram ter muito talento, foi muito divertido!

Posteriormente, ao fim da dinâmica de apresentação, exibimos o vídeo do *Sítio do Picapau amarelo*, que contava a historinha *A chave do tamanho*, como era de se esperar, o silêncio reinou. As crianças prestavam muita atenção e ficaram envolvidos na história. Em seguida, fez-se uma ponte entre a guerra que deixava Dona Benta preocupada e Emília triste e a vida cotidiana do seu grupo de “ethos”: perguntamos quais as “pequenas guerras” aconteciam hoje e os alunos, aos poucos, começaram a falar que “aconteciam muitas brigas, homem batia em mulheres, pessoas que bebiam muito e brigavam na



rua"... Aos poucos foram falando de vários assuntos - desde discussões entre colegas na sala até casos de pedofilia.

Depois da discussão, foi proposta uma atividade onde os alunos deveriam se dividir em 4 grupos. Cada grupo receberia uma cartolina, escolheria uma chave que eles gostariam de desligar e fazer um desenho representando essa chave desligando. Nesse momento, começaram as divergências, pois cada um do grupo queria desligar uma chave diferente: da violência, das drogas, da bebida, da escravidão. Então distribuimos folhas de ofício para que a atividade fosse desenvolvida individualmente. Desse modo, cada um escolheu o assunto e fez o desenho. Em cada cartolina agrupamos os desenhos que falavam do mesmo assunto ou próximos, finalizando, assim, a oficina.

CONCLUSÕES

Finalizar um trabalho, principalmente no campo da leitura, é uma grande honra, visto que o desenvolvimento das ações realizadas contribui para o conhecimento da literatura brasileira referente às obras de Monteiro Lobato, cuja importância vai além de sua contribuição em forma de texto, mas em destaque, as lições contidas nele, que não se perdem ao longo do tempo. Contudo, o vocábulo 'finalizar' não indica o fim em si de um trabalho, mas o começo de uma história/estória, com a qual, o vínculo maior é não só transmitir algo, mas aprender a cada vez que se pretende ensinar, renovando experiências, proporcionando novos e amplos direcionamentos, (re) descobrindo na leitura uma outra leitura de vida.

Trabalhar com as obras de Monteiro Lobato aponta a necessidade da leitura nas escolas cada vez com maior empenho e frequência, juntamente com a ação governamental. A pesquisa, investigação e resultados obtidos com as ações do Subprojeto são formas de acreditar que com a leitura na escola as mudanças são possíveis. A leitura - literatura desde as séries iniciais é importante no sentido de proporcionar a investigação e conhecimento acerca do mundo, da vida, dos seres. Quando a escola/professor pratica/ensina a leitura na escola, as diferenças nos



resultados são impressionantes. Bakhtin (1992) defende, a respeito da literatura infantil que, por ser um instrumento motivador e desafiador, ele é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. **O caso da vara.** Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/oliteraria/565.pdf>.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua.* São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COZER, Raquel. **O brasileiro lê ainda menos do que se pensava. E algumas curiosidades.** Disponível em: <http://abibliotecadераquel.blogfolha.uol.com.br/2012/03/28/o-brasileiro-esta-lendo-menos/>
- JAUSS, Hans. **A história da literatura como provocação da história literária.** São Paulo: Ática, 1994. Tradução: Sérgio Tellaroli
- LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida.** São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 3ªed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- LOBATO, José Bento Monteiro. **Negrinha.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil/Vivências de Leituras e Expressão Criadora.** 2ªed. São Paulo: Editora Saraiva 1997.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** – 1 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SILVA, Ezequiel T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 9ed. Campinas, SP: Cortez, 2002.
- SOUSA, Wilker. **Quer vender também uma coisa chamada “livro”?** Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/quer-vender-tambem-uma-coisa-chamada-livro>.
- <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/mec-rejeita-tentativa-de-censura-a-monteiro-lobato>
- <http://jorgeamado-blog.blogspot.com.br/2012/08/ditadura-vargas-incinerou-em-praca.html>
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6ª. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- YUNES, Eliana. **Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo.** In: Pensar a leitura: complexidade. (Org.) Eliana Yunes 2ªed. São Paulo: Editora Loyola, 2002.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.*
Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.